



G

TRUNFOS DE UMA  
**EOGRAFIA ACTIVA**

DESENVOLVIMENTO LOCAL,  
AMBIENTE,  
ORDENAMENTO  
E TECNOLOGIA

**Norberto Santos**  
**Lúcio Cunha**

COORDENAÇÃO

Bruno Machado  
*Instituto de Geografia e Ordenamento do Território*

## MEMÓRIAS AFRICANAS, LUGAR EUROPEU: A IDENTIDADE DO «RETORNADO»

### AGRADECIMENTOS

Ao Professor Eduardo Brito Henriques, Orientador da investigação em que esta comunicação se baseia, por toda a sua disponibilidade, apoio, transmissão de novos conhecimentos, bem como pelo constante «espírito» de motivação. A todos aqueles que aceitaram participar, sendo os seus contributos fulcrais.

### INTRODUÇÃO

Mais de três décadas decorridas após o processo de descolonização dos territórios portugueses em África, do qual resulta um dos mais importantes movimentos migratórios da história recente em Portugal (Pena Pires, 1987), visa-se, através deste estudo, compreender de que forma a passagem por África, a vivência, o conjunto de valores aí adquiridos (Rocha – Trindade, 1995), assim como a (re)integração em Portugal influenciou a construção da identidade daqueles que seriam denominados como “retornados”. São aqui estudadas as marcas que advêm dessa vivência, indo ao encontro daqueles que sofreram uma alteração brusca no seu modo de vida, passando de um país europeu, de carácter social conservador, para uma ambiência africana, de uma congruência entre homem e natureza, num confronto entre o civilizado e o selvagem ou indómito (Bhabha, 1998), assimilando de forma quase obrigatória, todo um conjunto de valores que diverge de forma substancial daquilo que anteriormente conheciam. Apesar da importância deste movimento migratório (cf. Pena Pires 1987, 2003), os estudos realizados no âmbito da geografia cultural referentes à descolonização foram, até recentemente, quase inexistentes (Sarmiento, 2008), permanecendo também a necessidade de compreensão da importância da experiência africana na construção identitária. Se «*distância tem conotação de graus de acessibilidade e também de preocupação*» (Tuan, 1983:52), procura-se através desta investigação compreender que perto estão África (imaginada ou real) e o «retornado».

### ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para este estudo foi delimitado um universo de 55 entrevistados dos quais 53% residiam em Angola, 36% em Moçambique e 11% na Guiné-Bissau. Dentro deste universo de entrevistados, 51% são do sexo masculino e 49% do sexo feminino. Do total de entrevistados,

58% nasceram em Portugal (residindo 53% em Angola e 47% em Moçambique) e 42% nasceram no continente africano (52,2% em Angola, 21,7% em Moçambique, 26,1% na Guiné-Bissau). No que concerne à residência actual dos 55 entrevistados, 1,8% são do Alentejo Litoral e Médio Tejo, 3,6% do Algarve, Dão-Lafões e Pinhal Litoral, 9,1% da Lezíria do Tejo, 16,4% do Douro, 21,8% da Península de Setúbal e 38,2% da Grande Lisboa. A idade mínima estabelecida para o conjunto de entrevistados corresponde a 55 anos de idade – 20/21 anos de idade em 1974/75 – conferindo uma consciência clara relativamente à saída de África e integração em Portugal. No estudo aqui apresentado, optou-se pela realização de entrevistas semi-estruturadas (Quivy e Campenhoudt, 2006) método considerado como o mais adequado, face à rigidez de outros instrumentos. As entrevistas realizadas tiveram lugar entre os meses de Março e Abril de 2009.

### O DESIDERATO DA ÁFRICA *IDEALIZADA*: CONSTRUÇÃO DE UM NOVO LUGAR

É voltado para um império colonial, «patenteado» pelas colónias africanas (sobretudo Angola e Moçambique), repleto de oportunidades e «exotismo», que se encontra *um outro* Portugal, anterior a *Abril*, «pautado» por escassas oportunidades de emprego, assim como pela predominância de um inegável atraso cultural relativamente ao resto da Europa (Silva, 1984: 78), onde o Estado Novo enaltecia o «mundo rural», assim como os símbolos de um passado de conquistas territoriais, de onde muitos partiram com destino ao «desconhecido», ou ao *idealizado*, aspirando encontrar uma *África Haggardiana*, repleta de elementos esquivos à vivência portuguesa, europeia. O português parte para África com um conjunto de representações (cf. Saïd, 2004:63) acerca da mesma, buscando uma «alteridade», face ao esmorecimento da expectativa de condições de vida confortáveis em Portugal<sup>1</sup>. As motivações por detrás da ida para África por parte dos portugueses, prendem-se sobretudo com a procura de melhores condições de vida sobretudo ao nível profissional, aliada à vontade de conhecer novos lugares, de viver novas experiências, estando também presentes no discurso dos entrevistados, motivos adstritos a um «orgulho colonial» relativamente aos territórios ultramarinos, resultante da «naturalização ideológica» (Gramsci, 1984:148 - 49) por parte do Estado Novo.

Desde miúdo que olhava para os mapas e via os mapas daqueles territórios todos em que Portugal mandava, e pensava «isto é formidável». Eu via as bolas no mapa de Angola, e pensava «bem, Luanda deve ser não sei quantas vezes maior do que Lisboa», de maneira que o meu sonho era ir para lá...quer dizer, eu tinha um orgulho...havia de facto um orgulho na nossa História.

(Nuno)

A chegada a África por parte dos portugueses é marcada pela experiência de todo «*um palco teatral oposto à Europa*» (Saïd, 2004:73), com diferenças «gritantes», que, contudo, não inviabilizam a rápida habituação a este novo espaço (Tuan, 1983: 39), inicialmente

<sup>1</sup> Aqui, a referência a Portugal, situa-se numa perspectiva pós-colonial, não referente a Portugal antes de 1974; Daí a abordagem a Angola e Moçambique não como Portugal, mas sim no contexto político presente, como países independentes.

«abstracto» para o europeu, mas que facilmente se transforma no seu lugar<sup>2</sup>, concreto, «humanizado» (ibid.:61), habituação essa caracterizada pelo impacto inicial para um *Outsider* que se depara com o «desconhecido», mas que depressa se torna um *Insider*, encontrando em África o seu *homeplace* (cf. Tuan, 1991: 686).

Nos primeiros dias estranhei, era tudo novo, não é? Mas as pessoas diziam-me, que quando eu bebesse a água do Bengo. Depois de ter bebido, passado uns dias, já não queria sair dali. Toda a gente se habituava com facilidade.

(Teresa)

É pertinente referir que há, de facto, «duas Áfricas» que o português encontra: a África citadina, em cidades como Luanda (Angola) e Maputo (Moçambique), nas quais, apesar de obviamente existirem «traços» Africanos – nos mercados, nos sons que se ouvem nas ruas (*soundscape*) – se encontravam os edifícios, os «placards» de publicidade, o «néon» (...), resultado da *Europeanization* (Bhabha, 1994:81) que advém do colonialismo português; A África «selvagem», aquela que os entrevistados mais referiram. É um conjunto de elementos que surgem como novos para o português, «apinhada» de recursos, de uma natureza que «invade» e *seduz* a mente do português, que traz consigo o «imaginário europeu» (Saïd, 2004:69).

Impacto... foi o ar natural e selvagem que aquela terra tinha. Tudo me marcou naquela terra, uma terra linda, com tantos hábitos diferentes dos de cá, paisagens que nunca mais encontrei na minha vida, o pôr do sol...e tão rica... A minha mulher costumava dizer: «Espeta-se um pau e nasce uma árvore».

(Nuno)

A construção de um lugar em África é viabilizada por dois factores fundamentais, importando aqui abordá-los de forma separada, evidenciando a importância de cada um: Capital social e a receptividade da população «Local». Aquando da chegada destes indivíduos (havendo excepções, nomeadamente em relação aos portugueses que chegam a África na década de 1940-50) existem efectivamente condições para o seu estabelecimento, ligadas sobretudo a laços familiares ou de amizade (mas sobretudo referentes aos primeiros), que permitem o alcance de condições viáveis para a sua fixação (habitação, emprego). Estas condições reportam-nos portanto à noção de capital social (cf. Coleman, 1995), que se reflectiu nas *redes sociais* que se estabeleceram em África, fortemente marcadas pela entajuda, cooperação, solidariedade (Giles Mohan e John Mohan, 2002: 192-3). Trata-se indubitavelmente da existência de um sentimento de *Gemeinschaft* (cf. Tönnies, 1974), de forte união, vivência em comunidade, contacto íntimo e valores comuns.

Aquilo que havia lá era um bom relacionamento com as pessoas, uma necessidade de confiar no próximo, porque estávamos todos na mesma situação, não é? Um sentimento de comunidade e isso claro, também ajudou com que fosse mais fácil viver em África, não é?

(Luís)

<sup>2</sup> Ao longo desta comunicação é abordado o conceito de lugar, desenvolvido por Tuan (1983 [1977]), numa clara distinção entre espaço enquanto «*termo abstracto para um conjunto complexo de ideias*» (ibid.:39), contrastando com lugar como «*fechado e humanizado (...) centro calmo de valores estabelecidos*» (ibid.:61).

Passando ao segundo factor que viabilizou a fixação *destes* portugueses em África, é de substancial relevância abordar a grande receptividade da *África Negra* (cf. p. ex. M'Bokolo, 2003), a hospitalidade do povo africano, sendo retratado um ambiente de convivência amena entre negros e brancos (cf. *idem*).

Na escola, por exemplo, vivíamos sempre em franca camaradagem, jogávamos futebol aos intervalos, entre negros e brancos. Havia um convívio fraterno.

(Américo)

A África «paradisiaca», onde o português constrói o seu lugar, repleto de abundância, oportunidades, de uma vivência em *comunidade* (entre brancos, assim como entre brancos e negros, segundo os entrevistados), «exótica», tem o seu *fim* com o progressivo aumento da instabilidade política e social, «pautada» por um intenso «fervor» por parte dos negros que se começam a manifestar em oposição aos brancos (cf. Fanon, 1986:228), culminando na sua descolonização, remetendo o português que nela construiu a sua vida a uma condição de *exilado*.

As coisas lá estavam muito complicadas...vi um miúdo a ser morto ao meu lado... eu disse «Deita-te!», mas ele não se deitou... foi muito complicado. Uns já tinham tido problemas em 1961, e pensaram que essa altura... em 1974, 1975 ia ser igual... mas não foi.

(Gustavo)

#### EXÍLIO DE ÁFRICA E (RE)CONSTRUÇÃO DO LUGAR: O RETORNO

A saída das colónias africanas foi inquestionavelmente trágica, abrupta, formando um «episódio» sem precedentes na vivência destes indivíduos, que, por razões políticas, com toda a instabilidade que daí provinha, pondo em causa não apenas os seus bens, mas a própria vida, se vêem forçados a partir, de volta a Portugal, para um contexto diferente daquele que haviam deixado antes da revolução de Abril.

Só de pensar que viemos sem nada...

(Florinda)

A natureza deste tipo de acontecimento é aprofundadamente analisada por Saïd (2001: 52-3), quando aborda o exílio como uma *deslocalização*, assim como a necessidade que o exilado sente de construir o seu caminho, com um passado *quebrado*, com família e responsabilidades que tem inevitavelmente que encarar. Estes portugueses retornam a Portugal, assolados pela incerteza, deparando-se com uma necessidade incontornável: Reconstruir as suas vidas em Portugal, o seu novo lugar. Não é, contudo, esse o único desafio que se encontra perante o português, que vem exilado ou refugiado de África, sendo confrontado com um termo que o «rotula», que o deixa *à margem*, (cf. Shields, 1991), algo que o passa a *identificar* – «retornado»<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> 206 110, num total de 505 078 «retornados» (cf. Pena Pires, 2003:203) nasceram no continente africano, sendo, para estes indivíduos, desconcertante não só terem abandonado a sua «terra», mas também o encarar um termo que não consideram aplicável à sua situação.

Eu acho que a ideia do «retornado» inicialmente foi feita com a ideia de pôr as pessoas à margem, foi como uma forma de dizer «estes gajos não prestam», fez-me sentir discriminado, sim.  
(Marco)

O «retornado» traz de África a sua experiência de inserção numa *Gemeinschaft* (Tönnies, 1974), de união e solidariedade para com aqueles que a integram. Porém, contrariamente à sua experiência em África, confronta-se em Portugal, para além de «estigmatizado» com o termo «retornado» que o marginaliza, com uma *Gesellschaft* (Tönnies, 1974), marcada pelo distanciamento entre os indivíduos que a compõe, pela individualização, pela diferenciação, vendo-se «forçado» a integrá-la visando a construção do seu lugar em Portugal.

Lá era tudo diferente, nada a ver com como é cá. Lembro-me, de quando cheguei cá, os de cá eram mais conservadores, acho que eram mais cinzentos. Lá havia mais alegria, mais convivência.  
(Paula)

Para além da convivência e «sentimento» de união, os «retornados» trazem consigo uma vivência em África de *«trajectórias muito diferentes das que caracterizavam a biografia da maioria dos portugueses. Muito por virtude dessas trajectórias, foram adquiridos, pelos retornados, um vasto conjunto de saberes, estilos de vida e valores específicos»* (Pena Pires, 1987), consistindo isto num elemento fator da ocorrência de um *choque cultural* (Oberg, 1960: 177-82) entre aqueles que haviam vivido a ambiência africana, e aqueles que, não a tendo vivido, encaram como algo que se encontra em oposição aos seus valores, de cariz conservador.

Uma mulher andar de calções ou calças naquele tempo...cuidado.  
(Nuno)

Há a referir, no que respeita à integração dos «retornados» na sociedade portuguesa, a concessão de apoio por parte do I.A.R.N.<sup>4</sup>, apoio financeiro dado à chegada («medidas de urgência») ao aeroporto de Lisboa, ou, em iniciativas de criação de empresas («crédito») <sup>5</sup>. Muitos foram aqueles que revelaram não ter tido qualquer apoio ao chegar a Portugal, o que pode ser explicado tanto pelo desconhecimento sobretudo daqueles que se *refugiaram* em meios rurais, ou pela enorme desordem que se viveu aquando da chegada destes indivíduos.

Eu não recebi apoio nenhum. Houve muita gente que recebeu apoio do I.A.R.N., que trabalhava essencialmente em Lisboa e no Porto, e nas capitais de distrito. Como a maioria das populações que vieram de África vinham para as pequenas aldeias, essas populações não tinham conhecimento de como pedir os apoios.  
(Inácio)

Houve de facto uma entreajuda entre a *comunidade retornada*, que possibilitou a integração de muitos «retornados» no mercado de trabalho. À semelhança do que ocorrera em África, estes indivíduos «usam», na sua integração, o capital social. Sendo o Rossio um local de encontro de muitos «retornados», falava-se das dificuldades de integração, «combatidas», muitas vezes, pelo apoio de alguém já inserido ao nível socioprofissional.

<sup>4</sup> Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais – cf. Pena Pires (2003:229).

<sup>5</sup> Medidas referentes às competências e funções do I.A.R.N. – cf. *ibid.*

Quando nos juntávamos no Rossio, falava-se de tudo e o que acontecia e, quem sabia de alguém que precisava de uma pessoa para trabalhar, ou de um amigo que conhecia alguém, falava com quem ainda não tinha arranjado trabalho.

(Margarida)

566

Inicialmente, assiste-se de facto a uma discriminação relativamente ao «retornado» no que concerne à obtenção de um emprego em Portugal, dado que «*uma das ideias que foram inicialmente veiculadas com alguma frequência, a propósito do retorno, tinha um conteúdo claramente catastrofista*» (Pena Pires, 1987). É esse o «panorama» inicial. Todavia, pouco tempo após a chegada dos portugueses regressados das ex-colónias africanas, constata-se que o «retornado» traz consigo boas condições para a sua inserção profissional devido à experiência adquirida em África (cf. idem, 2003:205). Como explica Rocha-Trindade (1995:341), «*(t)here is a general consensus among the Portuguese population that the success attained by the majority of retornados is the result of individual capabilities and skills acquired in the overseas context*». Seria sofismar este «ponto» se fosse aqui estabelecido um conformismo na mente do «retornado» dada a sua integração em Portugal após a saída de África. São muitas as acusações aos governantes portugueses pela má descolonização africana, nunca *exemplar* em qualquer relato dos entrevistados. Esta contestação «moldou» as suas tendências políticas (cf. Pena Pires, 2003:197).

O governo português optou por determinado partido, e não por um País, Angola.

(Joaquim)

#### A EXPERIÊNCIA AFRICANA NO *MODO DE VIDA* DO «RETORNADO»: QUESTIONANDO A IDENTIDADE

A experiência africana deixou de facto «marcas» significativas no modo de vida dos «retornados». Apesar da saída «forçada» da África que os havia acolhido, e da conseqüente integração (manifestamente positiva) no contexto social português, os «retornados» não abandonaram os valores, hábitos (...) todo um modo de vida que compõe a sua *cultura* (cf. Brito Henriques, 2001:153). África, para estes indivíduos, simboliza o paradisíaco. Não obstante os contornos trágicos do momento da saída, são as vivências sensoriais, as paisagens, reais ou imaginadas, a convivência em África (...) que remanescem da experiência africana, que vence o inconformismo da perda, do *exílio*, numa clara «significação» do passado (Bhabha, 1994:77), que faz com que ainda hoje as recordações do «retornado» sejam as melhores, como um adulto que recorda a sua infância, inevitavelmente fantasiada (cf. Lauwe, 1984).

A memória que tenho é do sítio melhor do mundo onde estive. É o melhor tempo da minha vida. Um paraíso.

(Teresa)

Desde o seu modo de vida, aos seus artefactos, África está presente no modo de vida destes indivíduos. A experiência africana encontra-se presente na dimensão da vivência quotidiana, nos «signos», no simbólico (Lefebvre, 1994), nos elementos que o «retornado» preserva. Há claramente uma tentativa de manutenção da vivência africana no modo de

vida destes indivíduos. Os «retornados» concebem a sua noção de lar com «traços» africanos, construindo autênticos *lieux de mémoire* (cf. Nora, 1984), onde se encontram «materializadas» as memórias africanas.

Influências de África são muitas...gosto de praia, adoro música africana e a minha casa tem na parede o nome de kubata que quer dizer casa em dialecto kimbundo.

(Joaquim)

Ao contrário dos *pieds-noirs*, os «retornados» não se estabeleceram através de uma concentração geográfica, tendo-se dispersado pelo território nacional (Pena Pires, 2003:193-4), contudo, assiste-se, à constituição de comunidades imaginadas (Anderson, 2006), sendo inegável a presença de «laços» que os unem, que passaram incólumes a um abrupto abandono da vivência africana, de uma *embeddedness* que configura ainda a identidade destes indivíduos.

O estar, com uma pessoa que esteve também em África, é extremamente importante para as pessoas que estiveram em África, porque é como uma pessoa de família.

(David)

A identidade destes indivíduos construiu-se em similitude e diferença (Saint Maurice, 1997:19), indo muito ao encontro do hibridismo (cf. Hall, 2003; Bhabha, 1994). A presença de uma identidade colectiva, «pautada» não apenas por uma vivência comum, denota-se no discurso dos «retornados», na assunção da pertença do «nós», «retornados», e «eles» que não estiveram em África. África determina o estabelecimento de um terceiro lugar (Bhabha, 1994), híbrido, «entre-culturas», europeu e africano, no qual o «retornado» se insere. Não encarando aqui hibridismo como simples miscigenação cultural, constata-se que o «retornado» combina em si uma complexidade de elementos africanos e europeus, que coexistem no seu modo de vida (cf. Brito Henriques, 2001:153), que lhe conferem uma identidade de carácter tanto colectivo como individual, como a sua memória (cf. Halbwachs, 1992), sendo evidente que África, como que uma categoria na sua identidade, é determinante. Como nos diz Pamuk (2005): «*My culture is made of two worlds. I explore the two. That's my history*».

Sinto que sou um pouco dos dois... não sei...europeu que viveu em África ou africano que vive na Europa? Bom, olhe... a verdade é que passaram tantos anos e África continua a fazer parte de mim.

(Marco)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O «retornado» (termo que ainda hoje não é «tomado levemente», apenas aceite na sua significação de pertença, de identidade colectiva, de *resistência*) foi indubitavelmente «marcado» pela experiência africana, assim como pelo retorno. A abrupta saída de África não «apagou» as memórias de uma África paradisíaca. Obviamente, essa saída deixou «marcas» ao nível pessoal, mas a África que conheceram e pela qual se encantaram não passou, como consequência desse exílio, a ser retirada do seu imaginário, do seu modo de



vida. Se «*distância tem conotação de graus de acessibilidade e também de preocupação*» (Tuan, 1983:52), África encontra-se junto do «retornado», no seu imaginário, no seu quotidiano, nas representações (cf. Hall, 1997), de uma África distante, mas próxima nos seus *lieux de mémoire* (Nora, 1984).

As temáticas adstritas aos estudos pós-coloniais não devem de facto «*passar despercebidas ao olhar do geógrafo*» (Brito Henriques, 2001). Mais que observar as tendências académicas relativas às temáticas já mencionadas, é manifestamente importante proceder à exploração das mesmas. Este estudo explora uma temática nevrálgica na evolução recente da sociedade portuguesa, sendo pertinente uma contínua busca de novos conhecimentos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anderson, B. (2006) *Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism*, Routledge, Londres.
- Bhabha, H. (1998) *Location of Culture*, Routledge, Londres.
- Bhabha, H. (1994) *Nation and Narration*, Routledge, Londres.
- Brito Henriques, E. (2001) “Os temas culturais da investigação geográfica: breves perspectivas”, in *Infergeo*, 16/17, 153-165.
- Lauwe, M. (1984) «Changes in the representation of the child in the course of social transmission», in Farr e Moscovici (eds.), *Social Representations*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Fanon, F. (1986) *Pele negra, máscaras brancas*, Paisagem, Porto.
- Gramsci, A. (1984) *Concepção dialética da História*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.
- Halbwachs, M. (1992) *On Collective Memory*, University of Chicago, Chicago.
- Hall, S. (2003) *Da Diáspora: Identidades e meditações culturais*, UFMG, Belo Horizonte.
- Hall, S. et al. (1997) *Representation: cultural representations and signifying practices*, Sage, Londres.
- Lefebvre, H. (1994) *The Production of Space*, Blackwell Publishers, Oxford.
- M'Bokolo, E. (2003) *África Negra: História e Civilizações até ao século XVIII*, Vulgata, Lisboa.
- Mohan, G. e Mohan, J. (2002) “Placing social capital” in *Progress in Human Geography*, 26, 191-210.
- Nora, P. (1984) *Les lieux de mémoire*, Gallimard, Paris.
- Oberg, K. (1960) «Culture Shock: Adjustment to new cultural environment» in *Practical Anthropology*, 4, Alabama, 177-182.
- Pamuk, O. (2005), *Istanbul: Memories and the City*, Faber & Faber, Londres.
- Pires, R. (2003) *Migrações e Integração: Teoria e Aplicações à Sociedade Portuguesa*, Celta Editora, Oeiras.
- Pires, R. et al. (1987) *Os retornados: Um estudo sociográfico*, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, Lisboa.
- Quivy, R. ; Campenhoudt, L. (2006), *Manuel de recherche en sciences sociales*, Dunod, Paris.
- Rocha-Trindade, M. (1995) «The repatriation of Portuguese from Africa» in Robin Cohen (ed.) *The Cambridge survey of world migration*, Cambridge University Press, Cambridge, 337-341.
- Saïd, E. (2004) *Orientalismo*, Cotovia, Lisboa.
- Saïd, E. (2001) *Reflections on Exile*, Granta Books, Londres.
- Sarmiento, J. (2008) «Searching for Cultural Geography in Portugal» in *Social and Cultural Geography*, 9, Routledge, Londres, 573-600.
- Shields, R. (1991) *Places on the Margin – Alternative Geographies of Modernity*, Routledge, Londres.
- Silva, M. et al. (1984) *Retorno, Emigração e Desenvolvimento Regional em Portugal*, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, Lisboa.
- Tönnies, F. (1974) *Community and association*, Routledge, Londres.
- Tuan, Y. (1991) «Language in the making of space: A Narrative-Descriptive Approach» in *Annals of the Association of American Geographers*, 81, 684-696.
- Tuan, Y. (1983) *Espaço e Lugar. A Perspectiva da Experiência*, Difel, São Paulo.